

“Aprender sem Barreiras”

Uma Retrospectiva sobre o Projecto de Teleaula

Graça Faria - *Divisão de Acessibilidade e Adaptação das Tecnologias de Informação e Comunicação*

A Direcção Regional de Educação Especial e Reabilitação lançou na Madeira, em Maio de 2004, o primeiro Projecto de Teleaula da Região Autónoma intitulado “Aprender sem Barreiras” que ainda se encontra no terreno, já lá vão quase cinco anos.¹

O Projecto “Aprender sem Barreiras” tem como premissa facilitar o acesso de crianças e jovens ao meio escolar, aquele que frequentariam se não estivessem impedidos de o fazer devido à existência de barreiras de acessibilidade, mobilidade, comunicação, atitude ou outras. Na defesa do primado de que todas as crianças e jovens devem frequentar a escola, de modo o menos restritivo possível, uma vez que este é por excelência o meio natural e adequado à sua idade e competências², a implementação deste projecto permitiu a três alunos ultrapassarem as barreiras de acessibilidade a que, por diferentes circunstâncias da vida, estavam submetidos.

Inicialmente, a proposta de integração à distância destes alunos em turmas existentes nas escolas não reuniu consensos. E se é verdade que uma das escolas demonstrou receios e resistências relativamente à docência através do sistema de videoconferência, outra escola tomou a iniciativa de contactar a equipa do projecto para poder responder eficazmente a um aluno que, por razões de saúde, ficou impossibilitado de frequentar. No entanto, devemos salientar que, a pouco e pouco, as barreiras de atitude foram vencidas, dando lugar a um processo colaborativo aluno-escola-educação especial-família, reforçado pelos surpreendentes e gratificantes avanços académicos, sobretudo por parte de um dos alunos.

Não esqueceremos cada um deles: se um dos alunos era um jovem que se distinguia pelo pensamento reflexivo e pela sua capacidade de liderança, outro caracterizava-se pela amabilidade e bom humor e o mais fragilizado em termos de saúde demonstrava grande coragem e capacidade de dissimular a dor e o sofrimento. Todos, de diferentes modos, procuravam sempre e, de forma exímia, conhecer, comunicar e explorar

todas as potencialidades dos meios tecnológicos colocados ao seu dispor. Se para um, o objectivo era sair e estar com os amigos, para outro era contactar e comunicar com os seus pares a partir de casa e, finalmente para o terceiro, o propósito da equipa foi incentivá-lo a querer sair de casa para se encontrar com os colegas, o que só foi possível com a prestimosa colaboração da mãe e com a ajuda das equipas de apoio.

Se tivéssemos que eleger um denominador comum, enquanto elemento chave junto destes jovens, a escolha recairia na mãe e na família. A mãe que não sai de casa para estar com o jovem, a mãe que não pode sair porque o jovem está dependente, a mãe que deixa de trabalhar devido à doença do filho. As mães sempre presentes, vigilantes e cépticas no início, mas depois... confiantes, confidentes, facilitadoras e impulsionadoras de todo o processo de autonomização.

O percurso escolar dos alunos foi muito diversificado. Um deles começou por frequentar as aulas numa turma de alunos com um currículo escolar próprio, apesar da sua avaliação psicopedagógica o considerar habilitado para frequentar um currículo normal. No entanto, rapidamente, revelou as suas potencialidades e, face à persistência das equipas, foram reconhecidas as suas aptidões, no ano lectivo seguinte o aluno frequentou uma turma de currículo normal, tendo prosseguido estudos do 5.º ao 9.º ano de escolaridade.

Um outro aluno frequentou uma disciplina na sua escola de origem, mas atendendo ao seu estado de saúde realizou, através de apoio domiciliário, actividades para partilhar semanalmente com os colegas.

Relativamente ao aluno que frequentou um estabelecimento particular que o acolheu durante dois anos lectivos, as turmas do 4.º ano realizaram alguns projectos partilhados que culminavam com idas do aluno ao estabelecimento escolar de referência.

A equipa de desenvolvimento do projecto, a equipa consultora do projecto³, as equipas de apoio concelhio, a comunidade escolar, as famílias, os particulares e outros serviços comunitários, conseguiram reunir as



condições para que os alunos se sentissem pessoas com capacidades e competências para alterar os obstáculos e barreiras colocados ao seu percurso escolar, desportivo ou social - e quem saberá profissional.

A avaliação deste projecto, pela equipa que o desenvolveu, estará sempre incompleta porque, comparar a condição em que encontramos estes alunos com aquela com que nos deparamos no final das suas vidas, não nos parece exequível. Mas podemos afirmar com convicção que todos se apropriaram das ferramentas tecnológicas, demonstrando grande dinamismo, autoconfiança e persistência no cumprimento e engrandecimento dos seus objectivos de vida. A todos, a tecnologia permitiu novos contactos, novas formas de comunicar, troca de experiências e conhecimentos e, acima de tudo, a consciência de se sentirem competentes e importantes para os outros, do mesmo modo que sentiam que os outros eram importantes nas suas vidas. Se acreditarmos que esta reciprocidade é o alicerce das nossas vidas, podemos afirmar que contribuímos para a felicidade destes jovens.

E tudo começou com um equipamento de videoconferência transportado do Porto Santo no fim das férias de Verão de 2004, com um videotelefone, com a instalação gratuita de linhas *rdis*, ao abrigo do programa para clientes com necessidades especiais (que motivou muita desconfiança aos técnicos da empresa), um computador portátil e um *trackball* que foram utilizados desde o primeiro minuto, por um jovem que estava há três anos afastado das actividades escolares e que de computadores apenas conhecia as imagens que tinha observado na televisão...

Mais tarde, outros equipamentos de videoconferência foram adquiridos no âmbito do Programa Madeira Digital: Projecto SIEER - "O Acesso à Sociedade de Informação na Educação Especial".

Como avaliar o Projecto "Aprender sem Barreiras"

ao longo de cinco anos? Ultrapassando a avaliação formal que foi realizada - só relendo o que escreveram, falando com quem contactaram, olhando as fotografias e os vídeos, procurando na memória as confidências, os sorrisos, as decepções, mas sobretudo as conquistas...

A todos, estamos certos, o projecto permitiu autonomia nas escolhas, momentos de partilha e confiança com os colegas e amigos e momentos de sonho e evasão... aquilo que todos os jovens necessitam...

Actualmente, outros alunos esperam, no seu domicílio, após a frequência de um estabelecimento de ensino durante 6, 7 ou mais anos, que este reúna as condições para permitir o seu regresso através de um sistema de videoconferência. Porque a sua participação na vida escolar permitirá manter as expectativas e os objectivos de vida, de acordo com o seu estado físico e psicológico, resta-nos lutar e esperar que os profissionais e decisores educativos se deixem imbuir da capacidade de adaptação e aceitação das crianças e dos jovens que existem por detrás da doença, da deficiência, da incapacidade e do prenúncio de morte que algumas problemáticas determinam...

Notas:

¹ Mais informação sobre o Projecto "Aprender sem Barreiras" pode ser consultada na Revista Diversidades n.º 7 (Aprender sem Barreiras - Projecto de ensino à distância, pp. 17-21); n.º 17 (Apontamentos de uma intervenção interdisciplinar, pp. 27-29) e n.º 20 (Testemunho, p.26), disponível no URL: <http://www.madeira-edu.pt/dreer/RevistaDiversidades/tabid/1284/Default.aspx>

² Os projectos de teleaula desenvolvem-se em conformidade com o artigo 24.º da Lei de Bases do Sistema Educativo e no contexto da filosofia de uma escola inclusiva, procurando facilitar a todas as crianças e jovens, idênticas oportunidades de acesso à escolaridade e "assenta nas possibilidades de comunicação e interactividade, oferecidas pelas tecnologias da informação e comunicação associadas às telecomunicações" [cf. Bordado, M. J. (2000), Telemática: um recurso para alunos com doenças crónicas severas, CANTIC. Lisboa. Disponível no URL: <http://www.ese.ips.pt/nónio/encontros/encontro2000/actas/pt/comunicacoes/c31/c31>. Consultado a 22 de Julho de 2004].

³ O Centro de Avaliação em Novas Tecnologias de Informação e da Comunicação da Direcção Regional de Educação de Lisboa foi a equipa consultora deste projecto entre 2004 e 2006.